

ROBERTO BOLAÑO

2666

*Tradução*  
Eduardo Brandão



Copyright © 2004 Roberto Bolaño Editorial Anagrama S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*



Esta obra foi publicada com subvenção da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha

*Título original*

2666

*Capa*

warrakloureiro

*Imagem da capa*

Sem título (1988), óleo sobre tela de Rodrigo Andrade, 160 x 190 cm.

Reprodução: Romtulo Fialdini

*Preparação*

Julia Bussius

*Revisão*

Marise Leal

Isabel Jorge Cury

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bolaño, Roberto  
2666 / Roberto Bolaño ; tradução Eduardo Brandão. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2010.

Título original: 2666  
ISBN 978-85-359-1648-5

1. Ficção chilena I. Título.

---

10-02442

CDD-861

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura chilena 861

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

# Índice

*Nota dos herdeiros do autor*, 11

A parte dos críticos, 13

A parte de Amalfitano, 163

A parte de Fate, 227

A parte dos crimes, 341

A parte de Archimboldi, 605

*Nota à primeira edição*, por Ignacio Echevarría, 849

## Nota dos herdeiros do autor

Ante a possibilidade de uma morte próxima, Roberto deu instruções para que seu romance *2666* fosse publicado em cinco livros, correspondentes às cinco partes do romance, especificando a ordem e a periodicidade das publicações (uma por ano), e até o preço a negociar com o editor. Com essa decisão, comunicada dias antes de sua morte pelo próprio escritor a Jorge Herralde, ele acreditava ter assegurado o futuro econômico dos filhos.

Após sua morte e depois da leitura e do estudo da obra e do material de trabalho deixado por Roberto, levado a cabo por Ignacio Echevarría (amigo que ele indicou como referência para solicitar conselhos sobre seus assuntos literários), surge outra consideração de ordem menos prática: o respeito ao valor literário da obra faz que, de comum acordo com Jorge Herralde, alteremos a decisão de Roberto e que *2666* seja publicado inicialmente em toda a sua extensão, num só volume, como ele próprio teria feito se não se houvesse consumado a pior das probabilidades que o processo de sua doença oferecia.

A PARTE DOS CRÍTICOS

A primeira vez que Jean-Claude Pelletier leu Benno von Archimboldi foi no Natal de 1980, em Paris, onde fazia estudos universitários de literatura alemã, aos dezenove anos de idade. O livro era *D'Arsonval*. O jovem Pelletier então ignorava que esse romance era parte de uma trilogia (formada por *O jardim*, de tema inglês, *A máscara de couro*, de tema polonês, assim como *D'Arsonval* era, evidentemente, de tema francês), mas essa ignorância ou esse vazio ou esse desleixo bibliográfico, que só podia ser atribuído à sua extrema juventude, não subtraiu em nada o deslumbramento e a admiração que o romance lhe causou.

A partir desse dia (ou das altas horas noturnas em que deu por encerrada aquela leitura inaugural), se converteu num archimboldiano entusiasta e deu início à peregrinação em busca de mais obras desse autor. Não foi tarefa fácil. Conseguir, mesmo em Paris, livros de Benno von Archimboldi nos anos 80 do século xx não era de forma alguma um trabalho que não acarretasse múltiplas dificuldades. Na biblioteca do departamento de literatura alemã da sua universidade não se encontrava quase nenhuma referência sobre Archimboldi. Os professores não tinham ouvido falar nele. Um deles disse que o nome não lhe era estranho. Com furor (com espanto), Pelletier descobriu ao cabo de dez minutos que o que não era estranho a seu professor era o nome do pintor italiano, ao qual, aliás, sua ignorância também se estendia de forma olímpica.

Escreveu à editora de Hamburgo que havia publicado *D'Arsonval* e jamais recebeu resposta. Percorreu, também, as poucas livrarias alemãs que

pôde encontrar em Paris. O nome de Archimboldi aparecia num dicionário de literatura alemã e numa revista belga, dedicada, nunca soube se de brincadeira ou a sério, à literatura prussiana. Em 1981, com três amigos da faculdade, viajou pela Baviera e lá, numa livrariazinha de Munique, na Voralmsstrasse, encontrou outros dois livros, o magro volume de menos de cem páginas intitulado *O tesouro de Mitzi* e o já mencionado *O jardim*, o romance inglês.

A leitura desses dois novos livros contribuiu para fortalecer a opinião que tinha sobre Archimboldi. Em 1983, aos vinte e dois anos, deu início à tarefa de traduzir *D'Arsonval*. Ninguém lhe pediu que o fizesse. Não havia então nenhuma editora francesa interessada em publicar esse alemão de nome estranho. Pelletier começou a traduzi-lo basicamente porque gostava, porque era feliz fazendo isso, embora também tenha pensado que podia apresentar essa tradução, precedida por um estudo sobre a obra archimboldiana, como tese e, quem sabe, como o primeiro passo do seu futuro doutorado.

Acabou a versão definitiva da tradução em 1984, e uma editora parisiense, após algumas hesitantes e contraditórias leituras, aceitou-a, e publicaram Archimboldi, cujo romance, destinado *a priori* a não passar da cifra de mil exemplares vendidos, esgotou depois de um par de resenhas contraditórias, positivas, até mesmo excessivas, os três mil exemplares da tiragem, abrindo as portas para uma segunda, terceira e quarta edição.

Por então, Pelletier já tinha lido quinze livros do autor alemão, traduzido outros dois, e era considerado, quase unanimemente, o maior especialista em Benno von Archimboldi que havia em toda a extensão da França.

Então Pelletier pôde se lembrar do dia em que leu Archimboldi pela primeira vez e se viu a si mesmo, jovem e pobre, morando numa *chambre de bonne*, compartilhando a pia, onde lavava a cara e escovava os dentes, com outras quinze pessoas que moravam na escura água-furtada, cagando num banheiro horrível e pouco higiênico, que de banheiro não tinha nada, estava muito mais para cloaca ou fossa séptica, compartilhado igualmente com os quinze residentes da água-furtada, alguns dos quais já haviam voltado às províncias, munidos do correspondente diploma universitário, ou então tinham se mudado para lugares um pouco mais confortáveis na própria Paris, ou então, uns poucos, continuavam ali, vegetando ou morrendo lentamente de asco.

Viu-se, como foi dito, a si mesmo, ascético e debruçado sobre seus dicionários alemães, iluminado por uma lâmpada fraca, magro e obstinado, como se todo ele fosse vontade feita carne, ossos e músculos, nada de gordura, fanático e decidido a chegar a bom porto, enfim, uma imagem bastante normal de

estudante na capital, mas que agiu nele como uma droga, uma droga que o fez chorar, uma droga que abriu, como disse um poeta cafona holandês do século XIX, as eclusas da emoção e de algo que à primeira vista parecia autocomiseração mas não era (o que era, então? raiva?, provavelmente), e que o levou a pensar e repensar, não com palavras mas com imagens dolorosas, seu período de aprendizado juvenil e que depois de uma longa noite talvez inútil forçou em sua mente duas conclusões: a primeira, que a vida tal como ele havia vivido até então tinha se acabado; a segunda, que uma brilhante carreira se abria diante dele e que, para que esta não perdesse o brilho, devia conservar, como única recordação daquela água-furtada, sua vontade. A tarefa não lhe pareceu difícil.

Jean-Claude Pelletier nasceu em 1961, e em 1986 já era catedrático de alemão em Paris. Piero Morini nasceu em 1956, num lugarejo próximo de Nápoles, e embora tenha lido Benno von Archimboldi pela primeira vez em 1976, isto é, quatro anos antes de Pelletier, foi só em 1988 que traduziu seu primeiro romance do autor alemão, *Bifurcaria bifurcata*, que passou pelas livrarias italianas em brancas nuvens, branquíssimas.

A situação de Archimboldi na Itália, há que ressaltar, era bem distinta da francesa. Na verdade, Morini não foi o primeiro tradutor que ele teve. Mais ainda, o primeiro romance de Archimboldi que caiu nas mãos de Morini foi uma tradução de *A máscara de couro* feita por um tal de Colossimo para a Einaudi no ano de 1969. Depois de *A máscara de couro*, foi publicado na Itália *Rios da Europa*, em 1971, *Herança*, em 1973, e *A perfeição ferroviária*, em 1975, e antes havia sido publicada, por uma editora romana, em 1964, uma seleção de contos em que não escasseavam as histórias de guerra, intitulada *Os bas-fonds de Berlim*. De modo que se poderia dizer que Archimboldi não era um completo desconhecido na Itália, embora também não se pudesse dizer que fosse um autor de sucesso ou de mediano sucesso ou de pouco sucesso, mas antes de nulo sucesso, cujos livros envelheciam nas estantes mais bolorentas das livrarias ou eram vendidos na bacia das almas ou esquecidos nos depósitos das editoras antes de serem guilhotinados.

Morini, é claro, não se intimidou com as baixas expectativas que a obra de Archimboldi provocava no público italiano e depois de traduzir *Bifurcaria bifurcata* enviou dois estudos archimboldianos, um a uma revista de Milão, outro a uma de Palermo, um sobre o destino em *A perfeição ferroviária*, outro sobre os múltiplos disfarces da consciência e da culpa em *Leteia*, um romance de aparência erótica, e em *Bitzius*, um romance de menos de cem páginas, de certo modo similar a *O tesouro de Mitzi*, o livro que Pelletier encontrou numa

velha livraria de Munique, cujo argumento se centrava na vida de Albert Bitzius, pastor de Lützelflüh, no cantão de Berna, e autor de sermões, além de escritor sob o pseudônimo de Jeremias Gotthelf. Ambos os ensaios foram publicados e a eloquência ou o poder de sedução empregados por Morini ao apresentar a figura de Archimboldi derrubaram os obstáculos, e em 1991 uma segunda tradução de Piero Morini, dessa vez de *São Tomás*, veio à luz na Itália. Por essa época, Morini dava aulas de literatura alemã na Universidade de Turim, e os médicos já haviam detectado nele uma esclerose múltipla e ele já havia sofrido um espetacular e estranho acidente que o tinha pregado para sempre numa cadeira de rodas.

Manuel Espinoza chegou a Archimboldi por outros caminhos. Mais moço que Morini e que Pelletier, Espinoza não estudou, pelo menos nos dois primeiros anos da sua carreira universitária, filologia alemã, mas sim filologia espanhola, entre outras tristes razões porque Espinoza sonhava ser escritor. Da literatura alemã só conhecia (e mal) três clássicos, Hölderlin, porque aos dezesseis anos acreditou que seu destino estava na poesia e devorava todos os livros de poesia a seu alcance, Goethe, porque no último ano do colégio um professor piadista recomendou que lesse *Werther*, onde encontraria uma alma gêmea, e Schiller, de quem tinha lido uma peça de teatro. Depois frequentaria a obra de um autor moderno, Jünger, sobretudo por simbiose, pois os escritores madri- lenhos que ele admirava e, no fundo, odiava com toda a sua alma, falavam de Jünger sem parar. De modo que se pode dizer que Espinoza só conhecia um autor alemão, e esse autor era Jünger. A princípio, a obra deste lhe pareceu magnífica, e como grande parte de seus livros estava traduzida em espanhol, Espinoza não teve problema para encontrar e ler todos. Gostaria que não tivesse sido tão fácil. A gente que ele frequentava, aliás, não só eram devotos de Jünger, alguns eram também seus tradutores, algo a que Espinoza não dava a mínima, pois o brilho que ele cobiçava não era o do tradutor e sim o do escritor.

A passagem dos meses e dos anos, que costuma ser calada e cruel, lhe trouxe algumas desgraças que fizeram variar suas opiniões. Não demorou, por exemplo, a descobrir que o grupo de jüngerianos não era tão jüngeriano quanto ele tinha acreditado, mas que, como todo grupo literário, estava sujeito à mudança das estações, e no outono, efetivamente, eram jüngerianos, mas no inverno se transformavam abruptamente em baroquianos, e na primavera orteguianos, e no verão inclusive abandonavam o bar onde se reuniam para sair à rua entoando versos bucólicos em homenagem a Camilo José Cela, coisa que o jovem Espinoza, que no fundo era um patriota, teria estado disposto a aceitar sem reservas se houvesse um espírito mais jovial, mais carna-

lesco em tais manifestações, mas que de modo algum podia levar tão a sério quanto os jüngerianos espúrios levavam.

Mais grave foi descobrir a opinião que seus próprios ensaios narrativos suscitavam no grupo, uma opinião tão ruim que em certas ocasiões, uma noite de insônia, por exemplo, chegou a se perguntar seriamente se aquela gente não estava lhe pedindo nas entrelinhas que caísse fora, que parasse de enchê-los, que não voltasse mais.

Mais grave ainda foi quando Jünger em pessoa apareceu em Madri e o grupo de jüngerianos organizou para ele uma visita ao Escorial, estranho capricho do mestre, visitar El Escorial, e quando Espinoza quis se juntar à expedição, na função que fosse, essa honra lhe foi negada, como se os pretensos jüngerianos não o considerassem com méritos suficientes para fazer parte da guarda de honra do alemão ou como se temessem que ele, Espinoza, pudesse deixá-los em maus lençóis com alguma tirada de rapazola abstruso, embora a explicação oficial que lhe deram (vai ver que ditada por um impulso piedoso) tenha sido a de que ele não sabia alemão e todos que iam ao pique-nique com Jünger sabiam.

Aí se acabou a história de Espinoza com os jüngerianos. E aí começou a solidão e a chuva (ou o temporal) de propósitos muitas vezes contraditórios ou impossíveis de realizar. Não foram noites cômodas muito menos prazenteiras, mas Espinoza descobriu duas coisas que o ajudaram muito nos primeiros dias: jamais seria um narrador e, à sua maneira, era um jovem valente.

Também descobriu que era um jovem rancoroso e que estava cheio de ressentimento, que supurava ressentimento, e que não lhe teria custado nada matar alguém, quem quer que fosse, contanto que aliviasse a solidão, a chuva e o frio de Madri, mas preferiu deixar essa descoberta na obscuridade, centrar-se na sua aceitação de que jamais seria um escritor e tirar todo partido do mundo de sua recém-exumada coragem.

Continuou, pois, na universidade estudando filologia espanhola, mas ao mesmo tempo se matriculou em filologia alemã. Dormia de quatro a cinco horas diárias e o resto do dia era dedicado a estudar. Antes de terminar filologia alemã, escreveu um ensaio de vinte páginas sobre a relação entre Werther e a música, que foi publicado numa revista literária madrilenha e numa revista universitária de Göttingen. Aos vinte e cinco anos havia terminado ambos os cursos. Em 1990, obteve o doutorado em literatura alemã com um trabalho sobre Benno von Archimboldi, que uma editora de Barcelona publicaria um ano depois. À época, Espinoza era um habitué de congressos e mesas redondas sobre literatura alemã. Seu domínio dessa língua era, se não excelente, mais do que

aceitável. Também falava inglês e francês. Como Morini e Pelletier, tinha um bom emprego e rendimentos consideráveis, e era respeitado (até onde isso era possível) tanto por seus alunos como por seus colegas. Nunca traduziu Archimboldi nem qualquer outro autor alemão.

Além de Archimboldi, Morini, Pelletier e Espinoza tinham uma coisa em comum. Os três possuíam uma vontade de ferro. Na realidade, tinham mais outra coisa em comum, mas disso falaremos mais tarde.

Liz Norton, pelo contrário, não era o que comumente se chama uma mulher de grande vontade, isto é, não fazia planos a médio ou longo prazo nem punha em jogo todas as suas energias para realizá-los. Era isenta dos atributos da vontade. Quando sofria uma dor, facilmente se percebia, e quando era feliz, a felicidade que experimentava se tornava contagiosa. Era incapaz de traçar com clareza uma meta determinada e de manter uma continuidade na ação que a levasse a coroar essa meta. Nenhuma meta, por sinal, era suficientemente apetecível ou desejada para que ela se comprometesse totalmente. A expressão “alcançar um fim”, aplicada a algo pessoal, lhe parecia uma arapuca repleta de mesquinharia. A “alcançar um fim” antepunha a palavra “viver” e em raras ocasiões a palavra “felicidade”. Se a vontade se relaciona a uma exigência social, como acreditava William James, e portanto é mais fácil ir à guerra do que parar de fumar, de Liz Norton se podia dizer que era uma mulher para quem era mais fácil parar de fumar do que ir à guerra.

Uma vez, na universidade, alguém lhe contou isso, e ela ficou encantada, se bem que nem por isso tenha começado a ler William James, nem antes nem depois nem nunca. Para ela a leitura estava relacionada diretamente com o prazer e não diretamente com o conhecimento ou com os enigmas ou com as construções e labirintos verbais, como acreditavam Morini, Espinoza e Pelletier.

Sua descoberta de Archimboldi foi a menos traumática ou poética de todas. Durante os três meses que morou em Berlim, em 1988, aos vinte anos de idade, um amigo alemão lhe emprestou um romance de um autor que ela desconhecia. O nome lhe causou estranheza, como era possível, perguntou ao amigo, que existisse um escritor alemão com sobrenome de italiano e no entanto tivesse o *von*, indicativo de certa nobreza, precedendo o nome? O amigo alemão não soube o que responder. Provavelmente era um pseudônimo, disse. E também acrescentou, para somar mais estranheza à estranheza inicial, que na Alemanha não eram comuns os nomes próprios masculinos terminados em vogal. Os nomes próprios femininos sim. Mas os nomes próprios masculinos certamente não. O romance era *A cega* e lhe agradou, mas

não a ponto de sair correndo até uma livraria para comprar o resto da obra de Benno von Archimboldi.

Cinco meses depois, já instalada na Inglaterra, Liz Norton recebeu pelo correio um presente de seu amigo alemão. Se tratava, como é fácil adivinhar, de outro romance de Archimboldi. Leu, gostou, procurou na biblioteca do seu *college* mais livros do alemão de nome italiano e encontrou dois: um deles era o que já havia lido em Berlim, o outro era *Bitzius*. A leitura deste último, sim, a fez sair correndo. No pátio quadriculado chovia, o céu quadriculado parecia o ricto de um robô ou de um deus feito à nossa semelhança, no gramado do parque as oblíquas gotas de chuva deslizavam para baixo, mas daria no mesmo se deslizassem para cima, depois as oblíquas (gotas) se transformavam em circulares (gotas) que eram tragadas pela terra que sustentava o gramado, o gramado e a terra pareciam conversar, não, conversar não, discutir, e suas palavras ininteligíveis eram como teias de aranha cristalizadas ou brevíssimos vômitos cristalizados, um rangido apenas audível, como se Norton, em vez de chá preto, naquela tarde houvesse tomado um chá de peiote.

Mas a verdade é que só havia tomado chá preto e que se sentia oprimida, como se uma voz houvesse repetido no seu ouvido uma oração terrível, cujas palavras fossem sumindo à medida que se afastava do *college* e a chuva molhava sua saia cinzenta e os joelhos ossudos e os formosos tornozelos e pouca coisa mais, pois Liz Norton, antes de sair correndo através do parque, não tinha esquecido de abrir o guarda-chuva.

A primeira vez que Pelletier, Morini, Espinoza e Norton se viram foi num congresso de literatura alemã contemporânea realizado em Bremen, em 1994. Antes, Pelletier e Morini tinham se conhecido durante as jornadas de literatura alemã realizadas em Leipzig em 1989, quando a DDR estava agonizando, e depois tornaram a se ver no simpósio de literatura alemã realizado em Mannheim em dezembro do mesmo ano (e que foi um desastre, com hotéis ruins, comida ruim e péssima organização). No encontro de literatura alemã moderna, realizado em Zurique em 1990, Pelletier e Morini se encontraram com Espinoza. Espinoza voltou a ver Pelletier no balanço da literatura europeia do século xx realizado em Maastricht em 1991 (Pelletier levava uma comunicação intitulada “Heine e Archimboldi: caminhos convergentes”, Espinoza uma comunicação intitulada “Ernst Jünger e Benno von Archimboldi: caminhos divergentes”), e se poderia dizer, com pouco risco de equívoco, que a partir daquele momento não só se liam mutuamente em revistas

especializadas como ficaram amigos ou que entre eles cresceu algo similar a uma relação de amizade. Em 1992, na reunião de literatura alemã de Augsburg, Pelletier, Espinoza e Morini tornaram a se encontrar. Os três apresentavam trabalhos archimboldianos. Durante uns meses falou-se que o próprio Benno von Archimboldi pensava comparecer a essa grande reunião que congregaria, além dos germanistas de sempre, um nutrido grupo de escritores e poetas alemães, mas na hora da verdade, dois dias antes da reunião, chegou um telegrama da editora hamburguesa de Archimboldi pedindo desculpas pela ausência dele. Aliás, a reunião foi um fracasso. Na opinião de Pelletier, a única coisa interessante foi uma conferência pronunciada por um velho professor berlinense sobre a obra de Arno Schmidt (eis um nome próprio alemão terminado em vogal) e pouca coisa mais, opinião compartilhada por Espinoza e, menos, por Morini.

O tempo livre que sobrou, que foi muito, eles dedicaram a passear pelos, na opinião de Pelletier, pífios lugares interessantes de Augsburg, cidade que também pareceu pífia para Espinoza, e que para Morini só pareceu um pouco pífia, mas pífia afinal de contas, empurrando, ora Espinoza, ora Pelletier, a cadeira de rodas do italiano, cuja saúde naquela ocasião não estava muito boa, mas antes pífia, de modo que seus dois companheiros e colegas estimaram que um pouco de ar fresco não ia lhe cair mal, aliás pelo contrário.

Do congresso seguinte de literatura alemã, realizado em Paris em janeiro de 1992, só participaram Pelletier e Espinoza. Morini, que também havia sido convidado, se encontrava naqueles dias com a saúde mais quebrantada que de costume, de modo que seu médico o desaconselhou, entre outras coisas, a viajar, ainda que a viagem fosse curta. O congresso não foi ruim e apesar de Pelletier e Espinoza estarem com a agenda lotada, encontraram uma brecha para jantar num restauantezinho da rue Galande, perto de Saint-Julien-le-Pauvre, onde, além de falar de seus respectivos trabalhos e gostos, se dedicaram, durante a sobremesa, a especular sobre a saúde do melancólico italiano, uma saúde ruim, uma saúde quebradiça, uma saúde infame que no entanto não o havia impedido de começar um livro sobre Archimboldi, um livro que, conforme Pelletier explicou que o italiano lhe dissera na outra ponta da linha telefônica, não sabia se a sério ou de brincadeira, podia ser o grande livro archimboldiano, o peixe-piloto que ia nadar por muito tempo ao lado do grande tubarão negro que era a obra do alemão. Ambos, Pelletier e Espinoza, respeitavam os estudos de Morini, mas as palavras de Pelletier (pronunciadas como que no interior de um velho castelo ou como no interior de uma masmorra escavada sob o fosso de um velho castelo) soaram como uma ameaça no aprazível restauantezinho da rue Galande e contribuíram para botar um ponto final numa noite que tinha se iniciado sob os auspícios da cortesia e dos desejos satisfeitos.